

Mountain VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIX | #164 | nov/dez 2018



GROENLÂNDIA
EXPÊ BRASILEIRA

PARQUES DO
ESPINHAÇO

ENCONTROS COM
URSOS !

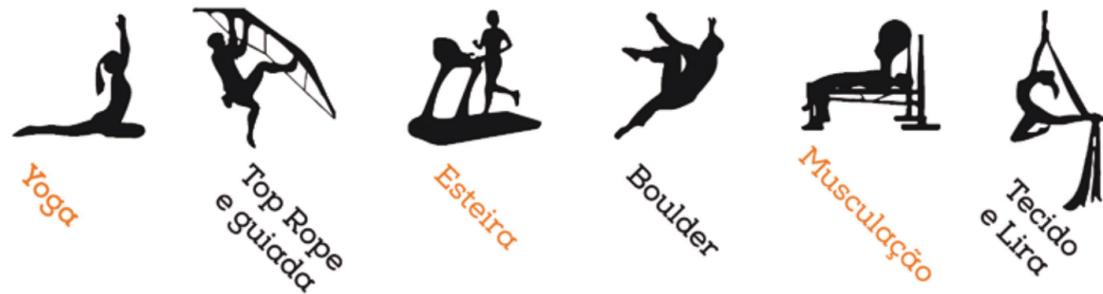
TRADICIONAL

MONTANHISMO

ESCALADA

20

ANOS



DUAS UNIDADES • DIVERSAS ATIVIDADES • UMA MENSALIDADE

Perdizes
Rua Venâncio Aires, 31
tel. 11 3879-6800

CASA DE PEDRA

Moema
Al. dos Guaramomis, 256
tel. 11 4563-2903

Onde houver ódio, que eu leve o amor

Me dou conta por supuesto, hoje é dia de São Francisco. Eu não sei muito bem de santos, mas sei sobre domingo, dia de eleição em meu país. Sei de uma rede social de outrora, um tempo bem distante, onde nos divertíamos a valer trocando informações sobre tudo e encontrando meninos (ou meninas), sim, era nosso tinder sem intenções, um encontrinho, uma escalada, uma viagem e, bem, a internet era pra no máximo bobagens, e eu sempre com minha nostalgia melancólica, me surpreendo com nossa capacidade de colocar nossos pontos de vista de uma maneira tão odiosa, tão radical, tão aos gritos e sem respeito nenhum.

Alessandra Arriada

Estou sentada no sofá da casa da minha irmã, pois meu companheiro e eu estamos separados no momento. Um afastamento de alguém que amamos, temporário ou definitivo, nos gera uma série de sentimentos muito contraditórios, muito negativos. Mesmo que o amor esteja presente, o respeito, o carinho, gera raiva, frustração, culpa e até ódio. Mas entender todo esse processo nas relações humanas nos traz uma paz enorme, tentar levar amor pra si, para o outro, a empatia, o desejo de estar bem e desejar o bem, o entender o processo de cada um, as diferenças, os objetivos, a história, e desejar amor, somente amor. Claro, parece um lugar comum ridículo. Minha aluna hoje me argumentou que jamais amaria um fascista, e nem desejaria seu bem, sobre o candidato a Presidência da República. O discurso de ódio tem afastado amigos, família, tem gerado polêmica, tem causado decepção e mesmo dor. Ouvir uma opinião totalmente contrária gera descon-

forto sim. Mas aceitar o outro com todos seus defeitos, limitações, contradições e dissabores faz parte de um aprendizado para aceitarmos a nós mesmos. Iremos às urnas no domingo munidos de um total desequilíbrio, raiva, angústia e ansiedade, ou tentaremos respirar e pensaremos na maneira mais autêntica com nossas verdades e valores para agir?

Trago para os relacionamentos e avalio da mesma forma. Quantas vezes perdemos nosso precioso tempo gritando verdades, mesmo sendo verdades, perdemos sim tempo, tempo de abraços, de carinho, de compreensão, perdemos tempo com verdades, mas estas não irão fazer a menor diferença ao fim do relacionamento, serão verdades perdidas no tempo, sem sentido, já que tudo se acabou mesmo. Poderia ter sido melhor aproveitado este tempo, melhor vivido, sem tantas incomodações, raiva, discursos de ódio, os dois certos, os dois perdendo tempo. Quanto tempo perdemos e nem temos tanto tempo assim?

Maturidade eu imagino ser a sabedoria de não se importar tanto. Saber ouvir e

discutir com leveza, mas principalmente com amorosidade. Consigo não lamentar pelo tanto conversado, discutido, pelo tanto tempo perdido em minha vida tentando estar certa, tentando mostrar meu ponto de vista, a amigos, a amores, pois com isso aprendi como devo empregar meu tempo: fazendo exatamente o contrário. Uma próxima vez com alguém com pontos de vista totalmente diferente do meu, eu olharei em seus olhos, tentarei imaginar sua história, olharei firme o traço de vida das suas mãos, imaginarei seus anseios, suas vontades de ter amor, de ser amor, suas inseguranças de vida, em como seria seu abraço, o tamanho dos seus sonhos. Olharei para mim mesma em minha conversa de certos e errados, e me abraçarei e me perdoarei sem culpa nenhuma nesse caminho incurável de vida, incomparável, inesquecível e maravilhoso de estar sempre se percebendo uma completa criança crescendo, aprendendo, sendo amor, sempre.

Cada um de nós busca algo bem simples, sencillo, singelo, primordial. Cada um de nós busca se sentir em paz, feliz. Cada

um de nós busca o amor.

Que possamos neste período tão conturbado levar um pouco de amor, a nós mesmos primeiro, sabendo como somos merecedores de nossos amigos, de nossa família, de todas nossas vitórias, nossas alegrias e lutas. Merecemos muito, justiça, amizade, oportunidades, sucesso, amores, realizações. Com isso, que possamos ser amor onde houver ódio, como cantava o santo, como pedia São Chico, que se eu não me engano é padroeiro dos animais também, que são só amor.

Que a gente volte a camaradagem e a amizade nostálgica e verdadeira de quando pensávamos melhor antes de escrever, pois tínhamos que falar olho no olho do outro algo que não gostávamos e não nos escondíamos atrás de uma rotina frenética e de um telefone com internet.

Que as eleições sejam com responsabilidade sim, decidindo futuros sim, mas também seja uma ótimo pretexto para nos juntarmos a viajar, a escalar, a aproveitar o dia. Com quem amamos. Por nós, e por eles. Boas escaladas.

Solo Outdoor & Travel

LANÇAMENTO

LINHA VERSATILE

JAQUETAS CORTA-VENTO
RESISTENTES À ÁGUA

www.solo.ind.br





EM BUSCA DOS DEZ PORCENTOS

TEXTO: NAO KLARIMA IMAGEM: MARCIO BRUNO

Eu me considero "rato de muro" convicto. Desde que comecei a escalar em 1995 sempre treinei em muro indoor. Em parte, porque sempre morei longe da pedra e só conseguia escalar durante os finais de semana. Além disso, aprendi desde cedo que, se quisesse melhorar a minha escalada, o muro de escalada seria uma plataforma imprescindível.

Ao longo dos anos, conheci muita gente nesse meio. Vi muitas pessoas chegarem, muita gente partir. Mas no fim, poucas são as pessoas que se tornam "ratos de muro" de carteirinha. Inúmeras são as razões para baixa adesão nesse Universo: motivação, disponibilidade, tempo...

Um desses dias, numa noite qualquer de treino no muro de escalada

da Associação Capixaba de Escalada (ACE), uma moça apareceu sozinha no muro falando que gostaria de conhecer o espaço. Era mais uma das inúmeras pessoas que vão lá querendo aprender a escalar. Alguém mostrou à ela o muro e explicou como tudo funciona e a deixou à vontade para "dar uma volta" no muro.

Eu sempre gosto de ver como uma pessoa reage ao muro pela primei-

ra vez, por isso fiquei cuidando como seriam os primeiros passos. Ao longo dos anos deu para notar que é nesse primeiro contato, nos primeiros metros escalados que conseguimos identificar se a pessoa tem aptidão natural para escalada ou se tem dificuldades motoras para o esporte. Eu acredito que há inúmeros fatores determinantes, tais como fator genético, histórico de vida ou

ainda condicionamento psico-físico que definem isso. A moça entrou no muro e com muita dificuldade conseguiu fazer uma suspensão do seu próprio peso e não conseguia progredir para próxima agarrar. Ela tentou mais algumas vezes sem sucesso. Após um breve descanso, uma amiga que frequenta o muro, passou algumas dicas básicas de movimentação, mas ainda assim não conseguia progredir

muito. Vale lembrar que no muro da ACE, o módulo mais fácil tem trinta graus de inclinação, ou seja não é um começo fácil.

Uma hora depois, ela estava exausta, afinal de contas, era o primeiro contato. Um pouco cabisbaixa, se despediu de nós e foi embora com a promessa de que voltaria logo. E eu pensei comigo: acho que ela não volta mais.

Na semana seguinte, ela voltou ao muro. De cada 20 pessoas que vão conhecer o muro, menos de uma pessoa volta pela segunda vez, por isso fiquei muito surpreso com o retorno, ainda mais considerando que ela teve muita dificuldade na primeira vez. Naturalmente ninguém fica forte em uma semana e mais uma vez ela não se saiu muito bem e foi embora quietinha.

O tempo passou, e vez ou outra, essa moça aparecia no muro e sempre muito quietinha tentava escalar um pouco. E aos poucos, ela começou a apresentar um pequeno progresso. Um dia saiu da primeira

agarra e foi para segunda; Depois conseguiu subir todo muro de 30 graus (3m); Mais tarde completou a travessia de quase 7m, até um dia fazer a travessia completa, ou seja, ir e voltar no muro. Mais recentemente ela começou a fazer um acompanhamento orientado com o meu amigo Felipe Alves, fazendo um bom trabalho de fortalecimento e polimento técnico.

Meses atrás, pela primeira vez, eu a vi no muro de 45 graus! Esse muro, que fica no lado oposto ao muro de 30 graus é uma grande parede negativa e assustadora que impõe muito medo, até mesmo nos mais experientes devido a sua inclinação e agarras.

É claro que ela não completou o boulder proposto, mas caiu da última agarrar. Mesmo não tendo completado, naquele momento fiquei muito impressionado. Na hora lembrei dela chegando pela primeira vez ao muro e ver toda evolução foi no mínimo inspirador. Fez me lembrar o quanto a escalada é um esporte bonito.

Mais recentemente, a Riva, que é como chamamos ela, finalmente mandou um boulder no 45. Como ela é uma pessoa bastante reservada, não fez muito alarde, mas com certeza deve ter ido para casa com um sorriso de orelha-a-orelha.

Tenho a absoluta certeza de que muita gente se viu nesta história, eu me vi, seja por ter vivido uma história parecida ou por estar nessa luta para superar o seu "boulder de 45". Ao longo desses anos, aprendi que a escalada, principalmente as modalidades de boulder e esportiva, é 90% fracasso e 10% de sucesso, pois quando nos propomos a superar limites, sempre estaremos na tênue linha que separa a queda da "cadena". Ser resiliente e saber lidar com os nossos fracassos de cabeça erguida é, para mim, um dos grandes aprendizados da escalada que nós levamos até para fora da "esfera vertical". Por isso, sempre digo aos outros que, quando chegamos naquele difícil 10% é preciso comemorar, seja com um grito contido, um sorriso ou uma boa cerveja, pois o dia seguinte será mais um dia nos 90%.

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros pontos de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#Hostel
Picus
.com.br

Abrijo de Montanha
(35) 9119.9153
Itamonte - MG

Desde 1989 formando montanhistas e escaladores

Escalada em Rocha

Curso Básico
2 dias
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida. Campos-escola preparados e equipamentos certificados. Alojamento em nosso abrijo.

Cursos Avançados
2 dias
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes. Experiência comprovada.

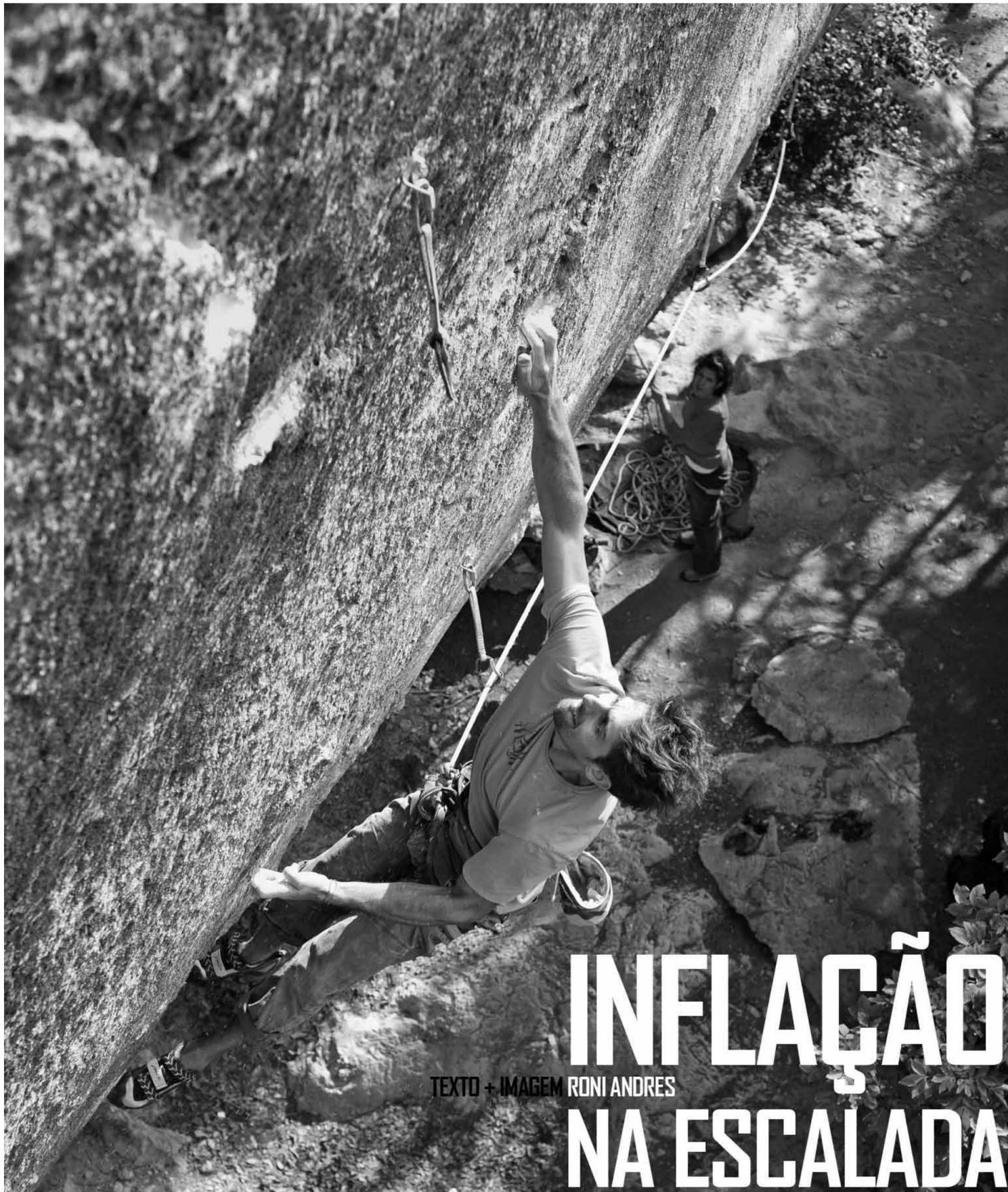
Escaladas Guiadas
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

Primeiros Socorros em Áreas Remotas

WFA-Wilderness First Aid
2 dias
Certificação internacional pelo ASHI- American Safety & Health Institute (EUA) e Padilha Treinamentos. Turma 2018: 27 e 28 de outubro

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Tel.: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

deuter Solo Outdoor & Travel
TENAYA TRANGO



TEXTO + IMAGEM RONI ANDRES

INFLAÇÃO NA ESCALADA

Inflação na escalada, se falava já a um bom tempo atrás numa revista especializada de escalada aqui da Itália, enfatizando o movente comercial como novo método para graduar vias. Todas as minhas matérias são baseadas naquilo que vivencio aqui na Europa e fruto daquilo que vejo diariamente nas falésias. Mas penso que uma coisa que se tornou normal por todos os lugares foi somente a importância do grau - pela grande maioria dos escaladores - e não mais aquele estilo de vida que caracterizava o nosso esporte a alguns anos atrás.

Assim como o tempo (cronômetro) utilizado por outros esportes, o grau na escalada, se utilizado com inteligência serve como referência para monitorar a nossa melhora ou piora de rendimento no esporte. Porém se utilizado mal pode se voltar contra os outros e contra nos mesmos até o ponto de se tornar a coisa principal, transformando a escalada apenas em um meio com o único objetivo de alcançar somente um grau mais alto. Como dizia essa matéria, objetivamente é mais fácil ouvir e falar a respeito de grau de vias com escaladores de nível médio em torno ao 6, 7 e oitavo grau francês, do que os escaladores de nono grau FR, que sendo profissionais teriam uma maior "justificação" no fazê-lo.

O problema aqui é que nos últimos tempos, essa procura pelo grau mais alto gerou uma anormalidade nos mesmos, aumentando a graduação das vias se comparadas a dificuldade real, e isso acontece em falésias inteiras. É aí que entra a motivação comercial. Muita gente aqui na Europa prefere fazer as férias de escalada em lugares como Kalymnos (Grécia) ou San Vito lo Capo (Italia), para citar dois dos lugares conhecidos pela incomparável beleza, mas principalmente pelas vias fáceis. A procura pelo grau faz com que as pessoas escolham justamente essas falésias, porque as agências turísticas desses lugares tem ligação com os conquistadores dessas áreas, ou porque os próprios conquistadores são operadores turísticos. Depois quando falamos de vias graduadas difícil para a dificuldade real não falamos de meio grau, mas sim de situações onde normalmente um escalador chega na corrente sem "tijolar" num grau que deveria malhar bastante antes de poder encadenar a mesma, se fosse o grau de dificuldade real. Mas o problema não termina por aí, muitas academias começaram a fazer o mesmo, ou seja, iniciaram a "presentear"

os graus. Deveriam ser os lugares onde o exemplo deveria começar, mas não o são. As pessoas não querem mais sofrer pra encadenar seus boulders ou vias, então o grau vai sendo rebaixado para ser feito à vista por escaladores que não teriam a mínima possibilidade. Tudo porque o grau se tornou o único objetivo. É assim que o objetivo comercial funciona, e muito. As pessoas pagam e voltam nesses lugares porque querem encadenar vias "difíceis", é sempre mais fácil do que viajar ou andar numa academia ou falésia onde tudo seja graduado decentemente.

"O bicho grilo de grife"

Dez anos na Itália e 8 viagens pra Espanha, e infelizmente é sempre a mesma situação nos campings e arredores de onde ficamos. Logo fica impossível não escrever a respeito. Você conhece o "Bicho grilo de grife" ?

Não sei de onde saiu ou quem inventou essa denominação, mas era uma coisa que eu escutava bastante lá pelas bandas do Sul do Brasil. Faz referimento a um "estilo de vida" hoje muito globalizado, ao tipo de pessoa que mesmo que ninguém fale, irrita e incomoda muita gente. As pessoas podem estar na área de escalada mais remota que existe, mas o "bicho grilo de grife" é sempre presente. Ele não tem raça, cor, religião e se caracteriza quase sempre por seus hábitos, noturnos ou não:

1. O bicho grilo de grife não paga o camping independentemente do preço, qualquer estacionamento ou gruta mesmo que sejam proibidos é um "direito seu" como lugar de descanso;
2. O bicho grilo de grife burla sempre a entrada do camping, e se nega de pagar para tomar banho.
3. Se veste com roupas surradas e velhas, não porque é desinteres-

sado mas porque pros olhos dos outros é "cool!!!"

4. Geralmente faz o papel de escalador "big" - aquele com um baita projeto difícil na falesia - mas quando chega na hora de fazer força, acha todas as desculpas possíveis e imagináveis pra não pagar de Forest Gump;

5. Espera o fechamento do camping ou bar pra utilizar a internet, ali encostado na porta, mesmo sabendo que bastaria pagar um café durante o horário de abertura para receber esse serviço;

6. Acha que as pessoas que estão pagando por esses serviços e ajudando a comunidade local deveriam ter o mesmo comportamento deles;

7. Estão sempre em viagem escalando por todos os lugares, mas o comportamento é daquele de quem está sofrendo pra tocar o barco pra frente;

8. Não te conhecem e nunca ouviram falar do teu nome, mas se for pra uma área de escalada onde você mora, automaticamente você vira "meu brother";

9. Acreditam que você acredita no estilo de vida deles e no que eles falam;

10. E pra terminar, o que mais irrita do bicho grilo de grife é que ele não teria a mínima necessidade de viver assim, todo mundo sabe que financeiramente ele não tem nenhum problema, o que leva muita gente a pensar que das duas uma: ou e mal caráter ou um sujeito muito sem noção. Fica a dica porque o bicho grilo de grife não é um animal em extinção, muito pelo contrario.

Roni Andres tem apoio de Five-ten

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA
Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



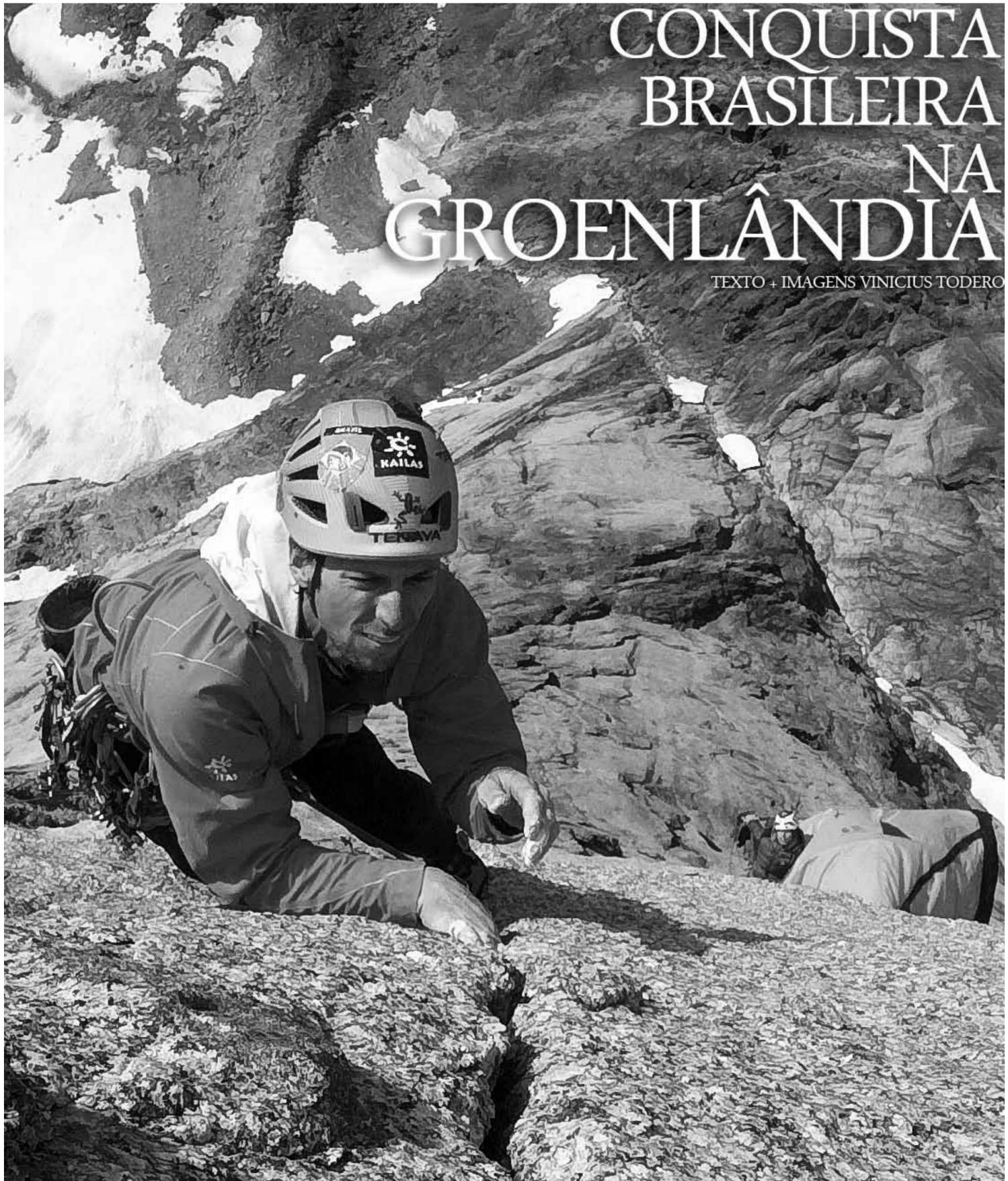
BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

CONQUISTA BRASILEIRA NA GROENLÂNDIA

TEXTO + IMAGENS VINICIUS TODERO



Quando eu pensava em escalada de big walls os primeiros destinos que vinham a minha cabeça eram Chalten, Torres del Paine, Cochamo e Yosemite, lugares incríveis que sempre estiveram na minha lista de lugares a visitar. Até que alguns meses atrás meu amigo Marcos Costa me comentou sobre sua ideia de realizar uma expedição de escalada ao sul da Groelândia. Após buscar um pouco de informação e ver algumas fotos, um novo local entrou na minha lista. Sul da Groenlândia, mais precisamente as gigantes paredes de granito do fiorde Tasermit.



Neste exótico destino as primeiras vias abertas remontam a década de 1970. Desde então muitas vias foram abertas, entretanto o potencial para abertura de novas linhas, e conquista de paredes ainda virgens é enorme. Cabe mencionar também que esta mesma região já foi palco de uma importante ascensão brasileira. Em 2003, Roberta Nunes acompanhada pela espanhola Cecilia Buil realizaram uma expedição em caiaque e abriram uma nova via de mais de 1600m no Thumbnail. Sobre esta impressionante ascensão o cineasta Jesús Bosque realizou um documentário chamado *Hidrofilia*.

Aos pouco fomos amadurecendo a ideia e definindo nossos objetivos, e no dia 12 de julho partimos para uma expedição de 40 dias. Nossa ideia inicial era repetir algumas vias já abertas no Nalumasortoq (Nalu) e Ulamertorsuaq (Ula), e também deixar nossa contribuição, abrindo uma nova via em uma das duas principais paredes.

Apesar da qualidade da rocha, potencial para escalada e beleza cênica a Groenlândia nunca tornou-se um destino muito popular entre os amantes do bigwall. Nem de perto se pode comparar o número de expedições anuais a Groenlândia, aos que há a Patagônia ou Yosemite, por exemplo. Durante o tempo que estivemos lá houveram somente uma outra expedição de dois poloneses, um grupo de franceses, que estavam mais focados em realizar highline, e um casal de base jumpers. Penso que as dificuldades de acesso e logística envolvidas acabam atraindo somente os mais motivados, além disto as informações disponíveis sobre a vias abertas é muito pequena, dando mais emoção a aventura.

O acesso a região envolve pelo menos um voo de Copenhague ou Islândia até Narsarsuaq, uma viagem de barco de 4 horas de Narsarsuaq até Nanortalik, que é a última vila onde onde se pode comparar suprimentos e comida, de aí mais uma hora em um barco fretado até o acampamento base na parte superior do fiorde Tasermit. Depois de 4 dias de viagens e preparativos chegamos ao acampamento base, já no dia

seguinte partimos para tentar escalar uma das vias de 600m no Nalu. Mas em função das más condições do tempo, somado às 5h de caminhada de acesso e todas as jornadas de viagem, tivemos que abandonar a tentativa após 200m de escalada. Neste dia aprendemos a primeira lição, tudo é maior, mais complicado e mais difícil que parece na Groenlândia! Lição que reafirmamos muitas vezes ao longo da expedição. Depois da tentativa frustrada no Nalu decidimos mudar nosso objetivo para o Ula, a via escolhida foi a *Moby Dick* 1200m - 7c+/A2. Esta via foi aberta em 1994 por uma equipe alemã, da qual participava o lendário escalador Kurt Albert, e transcorre a parte central do pilar do Ula. Depois de 2 dias de portage de equipamento e dois dias de chuva partimos para tentar a *Moby Dick*. No primeiro dia escalamos os primeiros 450m metros da via, que apresentam dificuldade máxima de 7c BR. Escalar estas 15 primeiras enfiadas não foi um problema, o difícil foi haulear 70kg de equipamentos e suprimentos em rampas de granito. Após 18h de atividade tínhamos o portaledge montado e pudemos apreciar as incríveis vistas. Como a previsão para o final do dia seguinte era de tempestade, decidimos fazer um ataque final até o cume no nosso segundo dia na parede. O frio da manhã e o cansaço físico da jornada anterior atrasaram o início das atividades do segundo dia, entretanto as 08h00 da manhã começamos a escalar e seguimos sem parar até às 24h00, quando já na escuridão chegamos ao cume do Ula. No cume todo o frio e cansaço acumulado desapareceram, e pudemos comemorar a ascensão antes de iniciar a jornada de rapéis até o portaledge. Tivemos sorte que a tempestade atrasou e chegamos de volta ao portaledge às 4:00 da manhã, já amanhecendo e com tempo bom. Por estarmos no verão do hemisfério norte, e próximos ao círculo polar ártico as noites são muito curtas, o que permite jornadas longas de escalada. Algumas horas após chegarmos ao portaledge o tempo mudou e enfrentamos uma forte tempestade com vento e neve, o que nos obrigou a passar mais um dia na parede antes de voltar ao acampamento base.

Ao finalizar a via, ainda com o sabor do pri-

meiro objetivo cumprido, começamos a planejar nosso segundo objetivo, e começamos buscar uma linha para abrir uma nova via no Ula. Como as informações sobre as vias já abertas são bastante escassas, tínhamos medo de iniciar uma linha e depois descobrir que já havia sido aberta, entretanto visualizamos uma possível linha a esquerda da *Moby Dick*.

Um dia depois de baixar já voltamos ao Ula para iniciar a conquista, neste primeiro dia somente abrimos três enfiadas e a mudança do tempo nos fez ter que esperar mais dois dias para poder voltar a parede. Na segunda investida, depois de 5 enfiadas abertas encontramos paradas de alguma via antiga. Isto nos desmotivou, mas nosso objetivo principal era chegar a metade superior da via, onde havíamos visualizados fissuras interessantes. Continuamos até a metade da parede, abrindo algumas enfiadas novas e as vezes acompanhando vias já existentes. No segundo dia na parede chegamos as fissuras que havíamos visualizado, e para nossa alegria não haviam sinais de vias existentes. Seguimos mais dois dias na parede, um deles onde somente limpamos as enfiadas já abertas e abrimos uma nova, e outro dia onde uma outra tempestade nos fez passar todo o dia no portaledge. Na manhã seguinte o tempo estava melhor mas tínhamos poucos suprimentos e a parede estava bastante congelada, assim decidimos baixar ao campo base para reabastecer suprimentos, recarregar as energias comendo peixe e mexilhões que eram facilmente pescados e coletados nas praias próximas ao nosso acampamento.

Na terceira investida passamos mais 5 dias na parede. Um dia longo somente para chegar onde tínhamos parado na investida anterior, dois dias onde abrimos as 8 enfiadas mais bonitas da via, um dia no portaledge em função do mau tempo e o último dia onde escalamos em livre e limpamos algumas enfiadas. Entre as enfiadas abertas nesta investida estão uma fissura perfeita de mão e dedos, cotada em 8c/9a BR, de 48 metros e sem nenhum proteção fixa, penso que esta é uma das enfiadas mais bonitas que já escalei em vias de parede. Destaque também para a antepenúltima enfiada, que é o crux da via e está localizada no metro 950, e será algo em torno do 9c - 10a BR, uma linda aresta técnica e com um visual de tirar o fôlego. Infelizmente não tivemos a oportunidade de escalar esta enfiada.

Tínhamos planejado realizar um último ataque a via para tentar encadenar, para isto dispunhamos ainda 8 dias no fiorde, antes da data que tínhamos combinado para um barco vir nos resgatar. Depois de 5 dias de chuva e parede molhada, como tínhamos muito material na parede, decidimos subir a montanha por uma via bem mais fácil e rapelar pela nossa via para recuperar os equipamentos. Entretanto depois de reali-

zar esta via mais fácil, que desconhecemos nome e grau, em 5h, nos demos conta que para chegar ao cume da nova via, teríamos que circular uma série de agulhas de granito que formavam uma muralha. Para complicar mais, a neve que havia caído no cume nos dias anteriores transformou o nosso dia de escalada fácil em uma emocionante aventura alpina, sem grampones e piolets. Neste dia nos acompanhou na escalada o Ed, um basejumper inglês que estava realizando vários saltos pela região. Ao chegar no cume da via ele saltou no mar de nuvens que cobria todo o fiorde, chegando no acampamento base em menos de 2 minutos, já nós iniciamos os 1000m de rapel, voltando ao campo base depois de 20h de atividade. Desta vez reafirmamos outra lição aprendida em outros dias: na parede não há dia fácil, uma via fácil ou um simples rapel podem se converter em uma verdadeira missão.

Os últimos 3 dias passamos no campo base, organizando material para voltar a civilização, pescando, relaxando e aproveitando as incríveis vistas

Sobre a via que abrimos são 1000 metros divididos em 28 enfiadas, a via foi aberta para ser escalada em livre. A maioria das enfiadas liberamos, exceto as duas últimas que não tivemos a oportunidade de tentar, sendo a antepenúltima o crux. O nome da via é *Quajanaq*, que significa 'obrigado' na língua local dos esquimós, o Inuit. É nossa homenagem e agradecimento a tudo de bom que a natureza nos forneceu e propiciou, e as pessoas que de alguma forma nos ajudaram nesta expedição.

Acabamos a expedição de alma lavada pela experiência e pelas paisagens, muito satisfeitos com os resultados, mas com vontade de voltar ao Ula para libertar por completo a nova via, que possivelmente será a via mais difícil em livre da região.

Esta região da Groelândia tem muito mais que gelo, ursos polares e auroras boreais para oferecer, além de ser um dos lugares mais bonitos e selvagens que visitei, apresenta infinitas possibilidades para prática de esportes de aventura. Realmente recomendo conhecer este paraíso, seja para escalar ou praticar qualquer outra atividade ao ar livre.

Se alguém quiser mais informações sobre o local ou logística envolvida entre em contato conosco:

Vinicius Todero - mvtodero@gmail.com
Marcos Costa - marcoscosta@gmail.com
Para a expedição contei com o apoio de Kailas e Tenaya.
Marcos com o apoio de Kailas, Scarpa, The Clinic e Dalibar.
Texto e fotos - Vinicius Todero e Marcos Costa



ENCONTROS INESPERADOS

TEXTO: TATIANA BATALHA IMAGEM: ELISEU FRECHOU

Cume no monte Whitney!!!! Depois de subir um desnível de quase 2000 metros, numa jornada que começou às 2h30 da madrugada, às 14h30 chegamos ao cume do Monte Whitney, pela via Moutaineer’s Route. Via esta que é uma escalaminhada em terreno rochoso de pedras soltas, que subimos encordados por segurança. Uma rota não tão usada pela maioria que sobe pelo seu maior grau de dificuldade e trechos técnicos. A maioria que sobe vai pela Rota Normal ou Regular, que é um zig-zag interminável de 17 km por onde sobe-se e desce caminhando.

O clima nos últimos dias era de tormentas elétricas a tarde. A recomendação dos Guarda Parques era para que os escaladores chegassem ao cume até meio dia e logo descessem, pois mais tarde poderíamos todos ser surpreendidos por uma tormenta elétrica no cume descampado, e nos tornaríamos alvos fáceis para uma descarga elétrica. Chegamos com um pouco de atraso no cume. Foi uma jornada de quase 2000 metros de desnível, chegando ao redor de 4420 metros num dia só. É bem puxado. Em outras expedições, para sair dos 2000 metros e chegar aos 4300 levamos 3 dias, como é o caso do Aconcágua. Ficamos pouco tempo no cume pois a tormenta se formava nas montanhas ao redor. Um lindo espetáculo da natureza, as montanhas rochosas marrons contrastando com as nuvens cinzentas no horizonte, mas era o sinal para sermos breves em nossa comemoração no cume do primeiro objetivo da nossa expedição, o Monte Whitney. Fizemos uma pausa no cume, comemos nosso lanche rapidamente e hidratamos. Eu que durante a subida diminuí muito a velocidade, ali estava muito bem, sem sentir qualquer efeito da alti-

tude, o mestre me contou que agora sentia um pouco de dor de cabeça e enjôo, eu falei que eram os nossos já conhecidos efeitos da altitude. Subimos um grande desnível em pouco tempo, aproximadamente 2000 metros em 19 horas, e o recomendado pelos teóricos da altitude é 300 metros por dia, e a cada 1000 metros de ascensão um dia de repouso. O mestre me recomendou começar a descer com o pessoal que subira pela Rota Normal e estava reunido no cume já se preparando para a longa jornada de volta, enquanto ele recolhia o nosso equipamento. Coloquei parte do equipamento na minha mochila e segui a recomendação começando a descer rapidamente. O mestre sabia bem o caminho e me alcançaria. Não deu tempo de entrar no Refúgio que está no platô do cume, mas tiramos uma foto com ele aparecendo ao fundo. Serve de abrigo em caso de emergência e tem alguns registros antigos sobre a montanha. Vou precisar voltar lá para entrar e ver (risos). Seriam 17 km na trilha sinuosa e mais alguns no vale e floresta até voltarmos ao camping onde logo de madrugada tivemos a inesperada visita de um urso durante nosso rápido café da manhã

antes de iniciar a longa jornada até o cume. Isso me faz lembrar de um outro encontro com um desses grandes mamíferos. Foi no ano passado, Maio de 2017, depois de 20 dias de curso nas montanhas do Alaska, com os guias da Alaska Mountain Guides e IWLS. Curso de montanhismo que fiz para aumentar o leque de conhecimentos para subir montanhas com segurança. Eu já estava na cidade de Juneau, e resolvi ir conhecer o glaciar Mendenhall, o qual vi numa revista durante um voo da Alaska Airlines na ida. Procurei informar-me sobre o Glaciar logo que cheguei ao hotel em Juneau, e por lá, as visitas com empresas sairiam por volta de 200 dólares, ou outra opção dada por uma das funcionárias do Hotel, era a de eu ir sozinha, com o transporte público da cidade. Fui jantar, num restaurante mexicano que estava aberto e era próximo ao hotel, pois a noite faz um frio no Alaska, mesmo na primavera, então a solução era comer e dormir, para aproveitar a luz do dia. Estava sozinha, e veio até minha mesa um senhor, perguntar de onde eu era e se ele e seu amigo poderiam sentar-se para jantar comigo.

Converso muito e gosto de conhecer gente, ouvir histórias, e falei que tudo bem. O que veio primeiro até a mesa era do México, estava de férias, sempre viaja sozinha, tem família, mas disse que eles nunca o acompanhavam em suas viagens. Fiquei atenta! O amigo dele, parecia oriental, mas durante a conversa falou que era do Alaska mesmo, músico, violinista, e estava em temporada de concertos com a Orquestra local. Conversamos sobre viagens, pessoas e culturas que conhecemos por meio delas e chegamos à máxima de que são essas experiências que carregamos da vida. Gagnei o jantar, o músico não me deixou pagar a conta. Agradeceu a companhia e boa conversa , trocamos e-mails os três e fomos embora cada um para seu lado, o músico , muito educado , mas seu “amigo” no final do jantar começou a se mostrar um pouco impertinente. Quando viajamos bastante sozinhas, acabamos por identificar quando as pessoas não tem uma boa energia... Voltando ao Brasil escrevi para os dois, só o músico respondeu, descobri que era uma estrela da música de Juneau. Já o outro

sumiu. No dia seguinte sai para conhecer a cidade e no posto de informação turística perguntei sobre como ir ao Glaciar, e muito atenciosamente a funcionária me orientou a como pegar o ônibus de linha que levava até próximo ao Parque. Custaria 6 dólares ida e volta, que eu descesse numa determinada parada, era só pedir ao motorista, e que dali caminharia na estrada por 2 milhas (quase uns 4 km), e chegaria ao parque onde se encontrava o Glaciar. Lá compraria a entrada por 5 dólares. Economizando assim 189 dólares! Uma ótima para quem não queria gastar muito mais. Perguntei para ela se não tinha perigo pois eu estava sozinha, ela me disse “não... só tem urso...” , pensei bom, se não tem perigo, eu vou. Segui então as orientações e fui para o ponto de ônibus, onde me deparei com um casal , discutindo muito, sem teto talvez? Observei-os e refleti que eles estão espalhados por todos os países, mesmo lá , um país tão rico. Saíram discutindo e não os vi mais. Peguei o ônibus e segui até onde me explicaram para descer, no caminho subi uma moça que estava viajando sozinha fazendo trekking, era da América do Sul (não me recordo de onde), falou que foi ao Glaciar, e que era uma boa caminhada até lá, de onde eu saltaria do ônibus. Mas me animou a ir, disse que era bonito o lugar, trocamos contato e desci no meu ponto. A estrada tem um trecho inicial cheio de casas, mas pouco movimento de pessoas na rua. Atravessi para o lado da estrada onde havia uma ciclo-pista, e segui caminhando, às vezes pensando “será que é aqui mesmo???”. Num momento as casas deixam de aparecer e começa a floresta, já então na área reservada ao Parque do Glaciar. Muitas trilhas marcadas na estrada, algumas fechadas, e uma placa me chamou atenção, dizia “Bear Xing”, era amarela, tinha um desenho de urso e uma faixa tipo de pedestres. Imaginei que ali devia ser algum ponto na estrada onde ursos podem atravessar, mas nada de mais. Caminhei então até o parque, e lá encontrei mais gente, carros, ônibus... Percebe-se que é um lugar muito visitado. Ufa, estava no caminho certo. Fui comprar a entrada numa das máquinas e tive dificuldade, mas uma das Guarda Parques veio me auxiliar, e lembrou-se que naquele dia a entrada era de graça, me pediu desculpas por não ter lembrado, mas por isso as máquinas não estavam vendendo ingresso. Que eu poderia entrar tranquila. Fui então fazer meu passeio, trilhas muito bem marcadas, com tempo de duração, sinalizações sobre ursos em todo o caminho, para não deixar comida a vista, se encontrar com algum não correr e avisar um guarda parque sobre o encontro. Vi realmente que ali o território é dos ursos, mas não encontrei com nenhum durante o passeio. Fui até próximo do Glaciar, onde há como uma praia, com uma cachoeira, tudo muito bonito. Conversei com um casal de franceses que estava ali na beira da água, tiraram uma foto para mim. Segui meu passeio. Achei muito bonito o Glaciar, mas Perito Moreno na Argentina é ainda muito melhor!!! Percorri o que era permitido, e como já ficava tarde resolvi voltar para a estrada e percorrer de volta as 2 milhas, para pegar o ônibus. No dia seguinte voltava para o Brasil. Adoro viajar mas gosto muito de voltar para casa, e não queria per-

der meu voo. Voltei a caminhar na estrada, agora mais deserta pois era fim de tarde e estava no lado sem casas. Optei por andar no outro lado da pista, no acostamento, onde ficaria do lado do ponto de ônibus. Só alguns carros às vezes passavam na estrada. Tranquilo como na ida. Num determinado momento, do outro lado da estrada vinha uma moça com seu cachorro. Quando se aproximaram de mim, o cachorro começou a me olhar, sem parar, achei engraçado, a dona parou na minha direção e o cachorro só me olhando, rimos as duas e continuamos a caminhar, cada uma para sua direção, e o cachorro olhando para trás continuava a me seguir com o olhar. Minutos depois ouvi um barulho no mato à minha direita, olhei e em uma fração de segundos voltei a olhar para a estrada e pensar “Meus Jesus, é um urso, por Deus que ele não venha atrás de mim, não posso correr, foi a instrução dos guias do curso...”, nos poucos segundos dessas observação vi que um filhote entrou para o mato e sua mãe em pé, uns 2 metros ou mais, estava junto e me mirou, e grunhiu, e eu, que gostaria de ver bem como era um urso, nem esbocei a menor tentativa de virar novamente, só continuei caminhando , sem correr, mas apertei um pouco o passo e repetia em pensamento “Jesus que ele não venha atrás de mim...”, e foi assim até que as casas começaram a aparecer e pensei se ele vier atrás de mim, daqui vou começar a correr e gritar que alguém pode ouvir, mas não foi preciso. Ufa outra vez. Logo começaram a surgir pessoas caminhando e cheguei ao ponto de ônibus. Para minha surpresa, encontrei novamente, no ponto, o casal de sem tetos discutindo, brigando, mas logo saíram a caminhar pela estrada. Achei engraçado esbarrar com eles novamente. Em São Paulo, sempre algum doidinho, sem teto da rua vem falar comigo. Quando isso acontece lembro dos tempos de faculdade e residência na Santa Casa, onde atendíamos vários deles. Aprendi a cuidar e dar atenção à eles, e sempre aprendo uma nova lição quando os observo em meus atendimentos. Voltando ao Alaska... O ônibus demorou um pouco a passar, mas enfim chegou e voltei para a cidade, refletindo sobre o encontro inesperado com os ursos. Imaginando que se a mãe urso me atacasse, eu não voltaria para casa, e viraria um caso de Arquivo X, pensava, “nossa, eu não ia embarcar, quando dessem por minha falta iriam atrás de mim, as pistas seriam dadas pela moça do Hotel e pela senhora das Informações Turísticas...”. Iriam refazer meu percurso e encontrar no mato alguma pista (agora dou risada, mas na ocasião fiquei tensa em pensar no que poderia ter acontecido.). Finalmente cheguei no Hotel e me recolhi, voltando no dia seguinte para casa. Com isso, eu estava um pouco mais preparada na ocasião do segundo encontro com o urso , no Camping da entrada do Parque do Monte Whitney. Logo cedo, nos preparativos para a longa escalada. Estava o Eliseu guardando coisas no carro e containers anti-urso, e eu tomando o café quando percebi dois pontos brancos brilhantes do outro lado da mesa. Olhei melhor e rapidamente comecei a fazer barulho, “tem urso aqui Eliseu!!! Bear... Bear... Bear!!!!” comecei a gritar e bater palma, e a falar sai daqui... O urso não se aproximava enquanto eu fazia barulho, o mestre veio

para a mesa e disse é urso Tati, eu disse “é Bear, aqui é inglês...”, urso ele não vai entender...” (lembrei do instrutor do Alaska gritando num dia que passamos numa área crítica.), e recolhemos as coisas todas e o mestre “vamos embora daqui logo Tati!!!”. Saimos com o que ainda estava na mesa, guardamos no nosso container e rapidamente nos pusemos a andar para a trilha rumo ao Monte Whitney. Dessa vez, consegui observar o urso de frente, e apesar de ainda noite, consegui ver os detalhes. Nos poucos minutos que fiquei quieta ele andou para frente, mas logo voltei a gritar e bater palmas e ele parou de se mexer. Lembrei que um pouco antes de sairmos da barraca, ouvi de outra barraca um pessoal gritando, cheguei a conclusão de que o nosso amigo urso já estava por ali. Seguimos então nossa rota para a base da montanha, a North Fork, que é mais frequentada por quem vai subir escalando ou pela rota que acabamos fazendo, a Moutaineer’s Route. Começamos as 2h30, o que no final acabou atrasando nossa chegada a base, e optamos por fazer a Mountaineer’s Route para não correr o risco de estar na parede na hora da tempestade. A escalada na via rochosa demoraria mais tempo que a que fizemos. O mestre deu meia hora de sono a mais que o pensado inicialmente, pois tínhamos voado um dia todo, depois um dia inteiro dirigindo, chegamos no acampamento final da tarde, estávamos cansados. Mas essa meia hora que dormimos somada a eu não contar com estar um pouco mais lenta que de costume na subida, nos atrasou um pouco. Nossa rota até a base passou pela floresta, ainda tudo escuro, usando as lanternas para orientação. Subindo um trecho de rochas testando a aderência das botas, minha lanterna começou a falhar, uma peça que preguei no Mestre, que na noite anterior me falou para não usar a lanterna recarregável, que levasse a de pilhas, mas num lapso (que prometo não repetir), acabei levando ela mesma por ser de mais forte intensidade que a outra que eu tinha. Porém a carga acabou e fiquei na mão. Por sorte o dia estava clareando, mas a preocupação de ficar sem lanterna me acompanhou durante toda a subida, pois na volta, ela poderia ser necessária. Isso me incomodou... Mas aprendi a lição. Terrenos em aclave na altitude são sempre cansativos, mas ver o sol nascendo no horizonte e a paisagem ganhando vida e cores abaixo da gente compensam o cansaço e recarregam as forças para continuar subindo. Continuamos nossa ascensão margeando um rio, que atravessamos algumas vezes sobre as rochas, rodeamos a montanha até chegar a um lago onde alguns acampam (poderíamos ter acampado lá, mas subiríamos mais pesados , com equipamentos de escalada e camping, motivo pelo qual optamos por subir direto da entrada do parque ao cume , mais leves fazendo um percurso maior.). Nesse ponto fizemos a escolha pelo plano B, a Mountaneer’s Route, pelo horário um pouco além do planejado. Uma subida rochosa escorregadia longa que já contei no começo e depois o trecho final com uma escalada possível de ser feita de botas. Chegamos então ao cume do Monte Whitney, cansados, mas felizes com o suces-

so da metade da empreitada. Já contei que descemos rápido pela tempestade que se formava. O interminável zig-zag de trilha bem demarcada da Rota Normal, a paisagem linda de se apreciar, mas a tempestade caindo nas montanhas ao redor, raios ao longe, e momentos de uma leve nevasca, fez-nos caminhar sem parar muito para fotos. As vezes uns goles de água e algo para comer, e ter mais forças para descer. Eu na descida estava me sentindo muito bem, cansada, mas as pernas estavam fortes. Chegamos ao acampamento onde o pessoal que tem a autorização para pernoitar fica, e sobe a Rota Normal e desce no mesmo dia. Descansamos um pouco, abastecemos a água e retomamos a caminhada pois ainda faltava todo o vale. Eu comecei a pensar na lanterna, estava sem, escurecia tarde, por volta das 20h30, então acelerei o passo, para tentar chegar antes da escuridão total. De olho no relógio e céu, fomos descendo, e a paisagem foi mudando das rochas para a floresta. Mestre me emprestou sua lanterna e disparou na frente, na trilha bem demarcada. Num momento fiquei em dúvida no caminho, um trecho do rio apareceu e eu não me lembrava dele, pensei que estava no caminho errado, mas um casal vinha logo atrás de mim, e como íamos todos para o mesmo lugar, desci com eles. Escureceu e encontramos o Mestre, que andou até onde dava sem luz. Terminamos os quatro a trilha, felizes com o feito do dia. Estávamos bem cansados, as pernas fortes agora sentiam bem pouco, a dor muscular da subida e descida de 2000 metros em 19 horas. A vontade era chegar na barraca, renovar o pagamento do camping e dormir. Porém, quando nos aproximamos de nossa barraca, de longe ficamos em dúvida se ela estava lá. O Mestre já conhece as regras dos Parques na Califórnia, era sua 11ª vez por lá, e pensamos que talvez os Rangers (a polícia !) tivessem passado e removido nossas coisas dá área. O permit dá direito a uma noite. Quando chegamos na barraca, ela estava destruída. Fomos verificar o que aconteceu e para nossa tristeza (estávamos só o pó, queríamos dormir...), o nosso amigo urso a havia destruído. Conferimos tudo, não havíamos deixado nada na barraca, a não ser um saco com lixo, papel higiênico, nada mais... Só que tinha um pacote vazio da nossa janta, miojo de carne, que o urso encontrou no lixo e largou lá pois estava vazio, mas para achá-lo, revirou tudo e foi embora decepcionado... E nós cansados ficamos sem teto, e tivemos que sair às pressas do camping, correndo o risco de sermos pegos pelos Rangers e ainda ter que explicar o ocorrido. E assim, cansados mas satisfeitos com o Cume do Whitney, demontamos acampamento, ou melhor, o que restou dele, e partimos para Big Pine, a cidade mais próxima, aumentando um noite de Hotel que não estava nos planos, mas que no final das contas veio a calhar pois depois de uma jornada emocionante dessas, tivemos banho quente e boa cama para descansar ... E partir para o próximo objetivo da expedição com Mestre Eliseu na Califórnia, escalar o Cathedral e outras vias em Yosemite, que numa próxima vou contar com detalhes.

OS PARQUES DO ESPINHAÇO (X): O PERUAÇU

"O mundo não é perfeito como um cavalo."

Manoel de Barros

"Morre o cavalo para o bem do urubu."

Gilmar Novaes

Peço agora que você me acompanhe para além do Espinhaço, numa região fora dele, habitada não mais por cristas e montanhas sim por cavernas e veredas. O duro quartzito será trocado pelo maleável calcário, com resultados surpreendentes, de uma beleza mais frágil e sedutora, embora envolta pela mesma aspereza do ambiente da grande serra.

Alberto Ortenblad | SP

Introdução

Os dois Parques situados ao longo do Rio Peruaçu descritos a seguir pertencem a municípios próximos a Januária, a capital regional. Este nome provavelmente se refere ao fazendeiro Januário Cardoso de Almeida, filho do violento bandeirante Matias Cardoso, que você conhecerá no próximo artigo.

Depois dos paulistas que colonizaram a região no século XVII, vieram os baianos, os mineiros e os negros, numa série de conflitos pelo controle do espaço. A cidade prosperou pela criação de gado e plantio de cana de açúcar. Hoje situada às margens do São Francisco, Januária foi também ao longo de seus três séculos de história um importante entreposto comercial.

A decadência da navegação no São Francisco afetou a cidade, que conheci ainda pequena muito tempo atrás e que reencontrei suja e estagnada, pobre e abandonada. O assoreamento do São Francisco fez crescer um bosque às suas margens, que oculta o rio de seus moradores. A cidade parece viver de costas para o rio que a fez surgir e crescer.

Esta região era habitada pelos índios xacriabás, que foram devastados pelos primeiros bandeirantes. Curiosamente, ainda habitam a região: os 10 mil descendentes ocupam uma reserva de 53 mil ha, que sobrou da espoliação do enorme território que lhes tinha sido doado no período colonial. Sem mais acesso ao rio e com terra inadequada, os xacriabás tentam reaver seu espaço, para sobreviverem e manterem sua cultura. Os suicídios e as migrações são realidade duras para este povo - que os brancos, em contrapartida, dizem ser grandes criadores de gado e indolentes moradores de uma vasta reserva.

Veredas do Peruaçu

O Parque Estadual Veredas do Peruaçu foi criado em 1994, tendo depois sua área original ampliada para 31.220 ha. Está quase inteiramente contido no município de Cônego Marinho, cuja sede fica a 40 km da capital

regional Januária. O Parque, por sua vez, dista do vilarejo 60 km a leste. Eu o visitei a partir do asfalto para Miravânia, num acesso conveniente. O Rio Peruaçu é o último afluente mineiro do São Francisco. Hoje com 90 km de extensão (já foi 10 km maior, mas a sua nascente foi perdida), está morrendo devido à secagem de suas águas. Inicialmente úmido, torna-se seco e depois intermitente. Submerge por baixo das cavernas da região, até aparecer de novo e mergulhar no São Francisco. Seu balneário encontrava-se totalmente seco quando o visitei. Segundo minhas conversas, só corre por 55% da sua extensão.

Foi ele que esculpiu todo o cenário das grutas, quando seu curso foi bloqueado por um maciço calcário e suas águas buscaram uma saída até a calha do São Francisco. Há um projeto para revitalizá-lo – procurando evitar os impactos negativos do assoreamento, da agropecuária, do fogo e da mineração. No entorno do Parque persistem práticas de criação extensiva de gado e de limpeza dos pastos pela queima.

A preservação do Peruaçu é fundamental para a proteção das magnífi-

cas cavernas da região. Pois o Parque fica rio acima das cavernas. Há mais de dez anos tem sido proposta sua ampliação para 130 mil ha, pela desapropriação de grandes fazendas locais. Originalmente, ele resultou da encampação de duas glebas de reforestamento, razão pela qual é grandemente regularizado. Mas, até hoje, alcança apenas a margem direita do rio, onde estão seus afluentes principais.

O PEVP contém formações de veredas e de lagoas. A principal das primeiras é exatamente a Vereda do Peruaçu, com inacreditáveis 40 km de extensão, decorada por imensos buritis. Existem duas lagoas principais, a Formosa dentro e a Azul fora do parque – a primeira possui 16 ha na cheia e a segunda, 7 ha, sendo porém mais funda e volumosa – ambas sendo formadas pelas águas da chuva. A vegetação compreende a caatinga, o cerrado e a mata ciliar. A caatinga ocorre nos planaltos elevados, com carrascos de aspecto sofrido, o cerrado nos vales e a mata ao longo dos rios. O Parque é rico em árvores de bom cerne como pequizeiros, jatobás, vinháticos e sucupiras. Ocorrem

naturalmente palmáceas, arboletas e gramíneas.

O relevo apresenta formações recobertas por arenito de até 900m de altitude, bem como regiões onduladas com vales largos e planícies sedimentares com cotas de 650m. Mas seu visual me pareceu bastante pobre, nos 12 km em que pude observá-lo. Em apenas uma breve ocasião pude me aproximar de uma vereda e não consegui encontrar suas lagoas.

O ambiente é favorável à fauna, desde animais de porte. Aves e ofídios são abundantes. É lá encontrado um tipo de cachorro vinagre (cachorro do mato semiaquático de pelo vermelho) tido por alguns como extinto, bem como alguns pássaros endêmicos da região. O Parque é apenas cercado, mas não sinalizado. Não está aberto à visitação e parece desconhecido das pessoas da região. A rigor, assemelha-se a uma região devoluta e abandonada, sem acesso ou fiscalização.

Cavernas do Peruaçu

A origem do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu foi um acordo de com-

Gruta do Janelão, PN Cavernas Peruaçu, MG.



Entrada da Gruta Bonita, PN Cavernas Peruaçu, MG.

pensação ambiental com a empresa Fiat, que comprou áreas numa APA preexistente (cuja origem foi naturalmente a proteção das cavernas). O Parque foi oficializado em 1999, com a grande área de 56.800 ha. Ocupa os municípios de Januária, Itacarambi e São João das Missões (território dos índios xacriabás), distando por estrada de terra 45 km da primeira e 15 km da segunda. Peruaçu, na língua dos índios xacriabá, significa gruta grande. O legado da Fiat foi impressionante, com as trilhas mais bem implantadas que jamais conheci no Brasil. Têm um desenho às vezes sinuoso, são escoradas lateralmente e possuem degraus em troncos de madeira. A sinalização é exemplar, bem como o Centro de Visitantes, que conheci estranhamente vazio, sem qualquer funcionário. O acesso é fácil, apesar da precária estrada de 13 km (aparentemente, a única falha da Fiat), que percorre seus atrativos. Situados no vale, a 400m de altitude, são visitáveis por trilhas curtas, em circuitos de 5 a 6 km. Já a parte mais elevada ao norte, no rumo de Itacarambi, ultrapassa os 800m e estranhamente até o momento não dispõe de trilhas.

Como é comum no país, o PNCP está assentado sobre áreas não indenizadas, com ocupantes sem comprovação de propriedade, invasores agropecuários e até meia centena de

aldeamentos indígenas, seja no seu interior ou nas proximidades. A conservação do Parque é prejudicada pelas queimadas, desmatamentos e doenças parasitárias, bem como pela falta de controle da caça e pesca e de fiscalização em geral. Acredite, há até uma serraria no seu interior. Vou tentar explicar esta aberração. Dez anos antes da criação do Parque, foi estabelecida uma APA com 143 mil ha. Ela deveria contorná-lo e não se superpor a ele. A razão é que estas duas formas de conservação têm diferentes usos – em um Parque não podem ocorrer atividades de exploração, ao contrário de uma APA, onde as práticas pré-existentes podem ser mantidas. Assim, como a serraria pertence à área superposta, seus donos entendem poder mantê-la.

Existem no Parque 80 sítios com pinturas rupestres, pertencentes às tradições São Francisco e Nordeste. Datas as mais antigas de 11 mil anos, são neste aspecto contemporâneas às da Serra da Capivara, embora mais variadas. Mas as principais atrações são as 140 cavernas calcárias, inseridas numa região semiárida que compartilha os biomas cerrado e caatinga, cada qual com diversas variantes. A fauna é abundante e variada.

O relevo impressionou Teodoro Sampaio quando percorreu a região no fim do século retrasado: O país é, em ge-

ral, plano, exibindo vastas campinas na direção de Goiás, onde sobre os chapadões (...) retalhados pelas correntes do Peruaçu (...) se erguem, sob as formas mais bizarras e caprichosas, os diques rochosos de calcário, simulando aqui muralhas arruinadas, torres derrocadas, ali grandes bastiões, colunas alterosas, pilares gigantescos no mais belo contraste com a planície circunjacente, donde ressumbra uma serenidade triste.

O vale do Peruaçu resultou do abatimento destas antigas galerias que formaram um cânion vertical que chegaria a 200 m de desnível. O rio então escavou as muitas cavernas da região e esculpiu suas ricas decorações. A paisagem é notável pelos paredões desgastados, as dolinas de colapso e as cavernas colossais. Os especialistas dizem (talvez com exagero) que este conjunto é o nosso mais notável acervo espeleológico.

Embora já estivesse aberto desde o ano anterior, o Parque foi oficialmente inaugurado em meados de 2017. Apresenta no momento oito roteiros para visitação, desde as magníficas pinturas policromadas da Lapa do Caboclo, a cênica e sinuosa Gruta do Carlúcio, a linda decoração calcária da Gruta Bonita e a grande subida da Lapa do Rezar, uma impressionante cavidade semelhante a uma nave de igreja.

Mas o grande momento do Peruaçu é a Gruta do Janelão, uma gigantesca e espetacular caverna com altura média de 80 m. Ela é acessada por cima e possui três claraboias, sendo facilmente percorrida por seus 1½ km abertos à visitação. O Janelão é um cenário curiosamente delicado, colorido e decorado, único no contraste entre paredes desmoronadas e intrusões de mata, entre tamanho e proximidade e entre luz e sombra.

A caverna restante, que continuaria o Janelão após sua última claraboia, é de mesmo tamanho e encontra-se fechada devido a vestígios do cachorro vinagre. Este é um fugidio cão aquático e avermelhado, que teria se refugiado na caverna. A rigor, existe uma terceira galeria elevada, chamada de Minotauro, com 1½ km adicionais. Assim, o desenvolvimento do Janelão chega a quase 5 km.

O Arco do André é outro monumento gigantesco, atualmente restrito, devido a seu acesso irregular. Bem como a Dolina dos Macacos, última claraboia do Janelão, fechada devido ao risco de queda. Existem outras cavernas, a maior das quais sendo o

Cascudo, com 1 km. É um acervo espeleológico relevante, mas a meu ver equivalente a seu patrimônio arqueológico, com estilos mais variados do que os da Serra da Capivara. E isto me leva a uma observação final. O PNCP tem um desenho maravilhoso, com seu vale circundado por paredes calcárias, sua abertura central (pela qual você ingressa) opondo-se às elevadas campinas ao norte. Se outras grutas forem abertas e integradas às existentes, o vale ganhará uma nova dimensão. Poderá rivalizar com o PETAR e com a Serra da Capivara. E há ainda a possibilidade não explorada de interessantes travessias por suas campinas.

A meu ver, o Peruaçu apresenta méritos para ser um dos melhores parques do Brasil. Mas ele foi como que doado pronto e acabado por uma empresa privada. E para o ICM Bio, instituto pouco conhecido por ser cuidadoso e confiável. Ele irá exigir uma gestão criativa, aliando cultura e natureza, num desafio difícil de ser superado.

No capítulo a seguir, você encontrará a formação irmã da cordilheira, tão grandiosa quanto ela: o São Francisco. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!



LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompeia

www.penatrilha.com.br



GENUINAMENTE
ARTESANAL
 PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU
 BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
 RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
 WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
 ESTR. SERRANOS, KM2
 SÃO BENTO SAPUCAÍ
 (12) 3971.1470



EQUINOX  **MOCHILA DE ESCALADOR**



KIIHÚ 2.0

PROJETADAS POR ESCALADORES
 DURABILIDADE SUPERIOR



SÍNTESE 2.0

MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
 MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS



GRANDE LESTE 2.0

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
 MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
 Editor: Eliseu Frechou
 Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
 E-mail: contato@montanhismus.com.br
 Web site: www.mountainvoices.com.br
 Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



**Caminhada na Pedra do Altar,
 Parque Nacional do Itatiaia, MG.
 Imagem: Ana Fujita.**

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/01/2018.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....).....
 E-mail.....
 Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

164

Total00

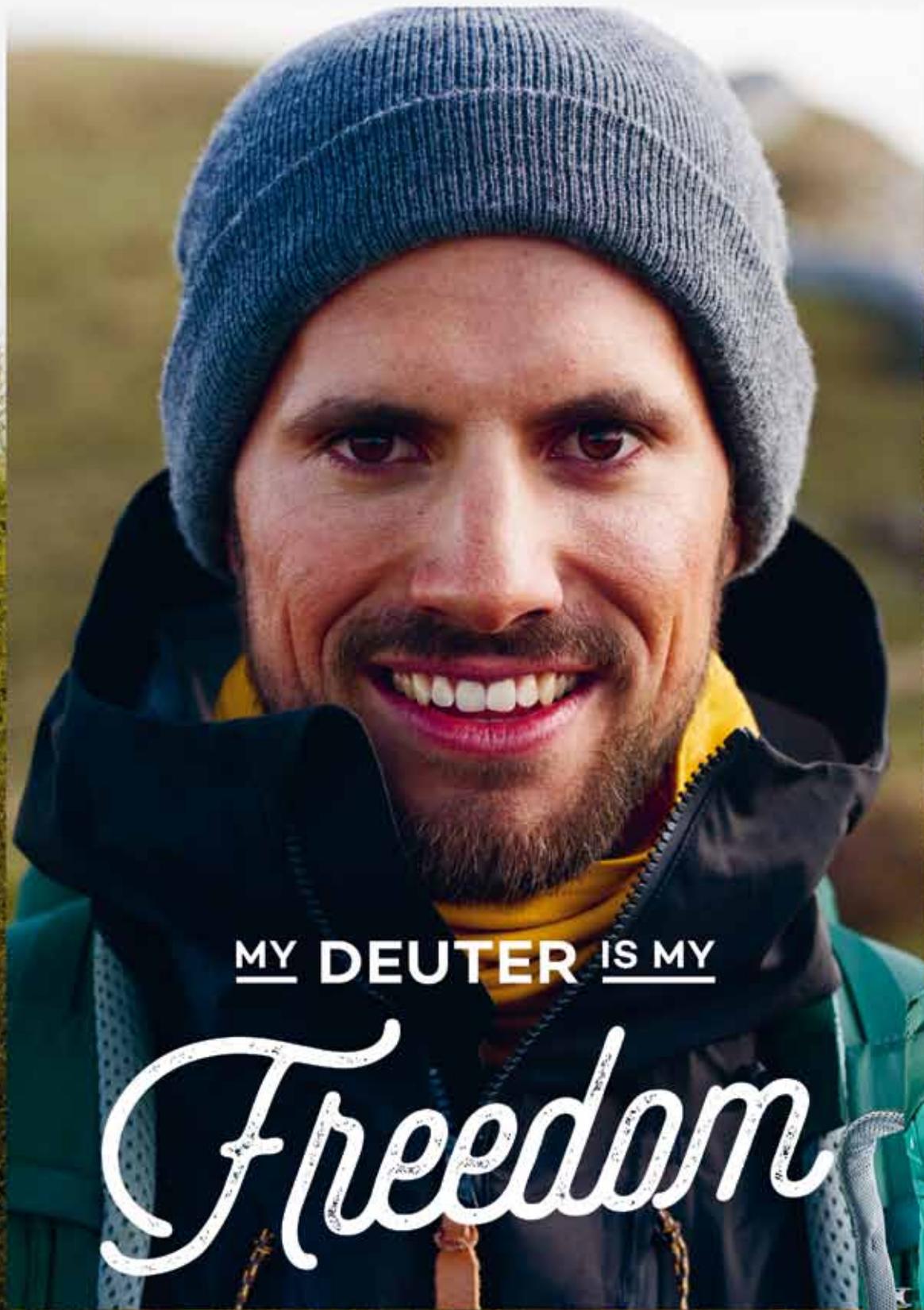
TENAYA

+ CONFORTO
 + PERFORMANCE
 + SOLADO VIBRAM

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR



MY DEUTER IS MY

Freedom



deuter.com.br